

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 41, (Jan/Dez) de 2025
ISSN: 2178-7476



O TRABALHO MEDITATIVO DO PROFESSOR E O ENSINO CRIATIVO ANTROPOSÓFICO

THE TEACHER'S MEDITATIVE WORK AND CREATIVE ANTHROPOSOPHICAL TEACHING

EL TRABAJO MEDITATIVO DEL DOCENTE Y LA ENSEÑANZA CREATIVA ANTROPOSÓFICA

Maíra de Oliveira Martins

Doutoranda em Educação – Universidade Estadual Paulista – UNESP –
Campus Marília; Marília/SP – Brasil.

Email: maira.martins@unesp.br.
<https://orcid.org/0000-0002-5674-3482>

RESUMO: Neste trabalho nos propomos a pensar sobre uma forma de educação criativa, de modo a conceber a vida interior do professor e o desenvolvimento anímico e espiritual dos seus alunos. A partir da perspectiva antroposófica, apresentamos algumas atividades meditativas, ancoradas no atuar cotidiano do ser humano, como uma prática viva, desenvolvendo consciência entre o essencial e o transitório perante o cotidiano. Também apresentamos o modo como as forças anímicas e espirituais se desenvolvem e se manifestam nas crianças, manifestando, sobretudo, as forças espirituais partindo do interior e as forças do mundo físico, partindo do exterior. Desta forma torna-se possível ao professor atuar criativamente, segundo o qual refere-se a compreender as leis que regem o desenvolvimento infantil e não como conteúdos especiais ou alternativos. São caminhos que confluem para que o processo educativo se torne verdadeiro, responsável, entusiástico e cuidadoso. Qualidades que fazem da educação, criativa e do educador, um artista.

PALAVRAS-CHAVE: educação, Antroposofia, meditação, ensino criativo.

ABSTRACT: In this work, we propose to think about a form of creative education, in order to conceive of the inner life of the teacher and the emotional and spiritual development of his/her students. From an anthroposophical perspective, we present some meditative activities, anchored in the daily actions of human beings, as a living practice, developing awareness between the essential and the transitory in everyday life. We also present the way in which the emotional and spiritual forces develop and manifest themselves in children, manifesting, above all, the spiritual forces coming from within and the forces of the physical world, starting from the outside. In this way, it becomes possible for the teacher to act creatively, according to which it refers to understanding the laws that govern child development and not as special or alternative content. These are paths that converge so that the educational process becomes true, responsive, enthusiastic and caring. Qualities that make education creative and the educator an artist.

KEYWORDS: education, Anthroposophy, meditation, creative teaching.

RESUMEN: En este trabajo nos proponemos pensar una forma de educación creativa, con el fin de concebir la vida interior del maestro y el desarrollo anímico y espiritual de sus alumnos. Desde una perspectiva antroposófica, presentamos algunas actividades meditativas, ancladas en el actuar cotidiano del ser humano, como una práctica viva, desarrollando conciencia entre lo esencial y lo transitorio en la vida cotidiana. También presentamos la forma en que las fuerzas anímicas y espirituales se desarrollan y manifiestan en los niños, manifestando, sobre todo, las fuerzas espirituales provenientes del interior y las fuerzas del mundo físico, partiendo del exterior. De esta manera, al docente le resulta posible actuar creativamente, lo que significa

comprender las leyes que rigen el desarrollo infantil y no contenidos especiales o alternativos. Son caminos que convergen para que el proceso educativo sea verdadero, responsable, entusiasta y cuidadoso. Cualidades que hacen de la educación creativa y del educador un artista.

PALABRAS CLAVE: educación, Antroposofía, meditación, enseñanza creativa.

Introdução

Este artigo é fruto de um trabalho interior de reflexão sobre a questão da contribuição das teorias filosóficas para a prática docente. Esta questão foi abordada em uma disciplina, intitulada “Ética e Educação”, do Programa de pós-graduação em Educação, na qual foi-me incumbida a tarefa de refletir sobre Kant. Nesse exercício, refleti sobre a necessidade de avançar no trabalho de Kant, no sentido de considerar o interior humano como algo objetivo, e, portanto, possível de ser alcançado, pensado e considerado, contrariamente ao seu idealismo transcendental. Pergunta-se: o que deve ser transpassado de Kant para a educação avançar?

O que se descreve e reflete nas páginas que se seguem é um estudo bibliográfico do ponto de vista antroposófico. Não é o intuito deste artigo explicar e fundamentar a Antroposofia¹, pois é muito abrangente e profunda; pretende-se, tão somente, elaborar uma reflexão sobre a prática meditativa antroposófica, em suas atividades iniciais, para dar subsídios ao professor educador, este que lida com inúmeras situações, simultaneamente, e muitas vezes possui dificuldades de discernir entre o que é verdadeiro do que é passageiro. Neste ato meditativo, consegue-se encontrar um ponto central para o desenvolvimento de sua profissão, apresentando uma atitude interior para observar a criança e desenvolver certos sentimentos, alcançando uma efetividade em suas ações no dia a dia, de modo a educação deixe de ser uma profissão intelectual e abstrata para se tornar uma arte, a arte de educar.

Para a realização de tal empreitada, saímos do ponto de vista filosófico para adentrarmos um ponto de vista meditativo, no sentido de fomentar à meditação, que não se encontra somente no filosófico, pensamental, tampouco em definições práticas de educar. Apresentamos conteúdos, que pode-se dizer pedagógicos, para se mostrar uma prática meditativa antroposófica, a saber, a calma interior, como o início do cultivo da vida meditativa. Utilizamos o livro fundamental para a Antroposofia, “O conhecimento dos mundos superiores”, o qual se debruça exclusivamente sobre a vida meditativa antroposófica. Acrescentamos a obra “A educação prática do pensamento”, que apresenta com mais clareza a força do pensamento.

E dando continuidade ao tema, no que diz respeito ao ensino criativo, apresentamos conteúdos relacionados à observação do desenvolvimento da criança, em suas forças ocultas aos olhos físicos, mas que se manifestam na corporalidade e atitudes da criança, com o objetivo de tornar

¹ Para um vislumbre, ler Steiner, R. Sobre a história do movimento antroposófico. In: Steiner, R. O desenvolvimento saudável do ser humano: uma introdução à pedagogia e à didática antroposóficas. Tradução Rudolf Wiedemann, Rosemarie Schalldach, Jacira Cardoso. 2 ed. São Paulo: Antroposófica: FEWB – Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2019.

consciente ao professor a tarefa de educar permeada de sentimentos e pensamentos corretos. Nesse sentido, elegemos obras nas quais Rudolf Steiner (1861/1925) aborda mais condensadamente a questão das forças do desenvolvimento infantil. A partir desses conteúdos, nós os atribuímos como elementos para se pensar (ou meditar) um ensino criativo.

Desta forma, pensamos em trazer alguns elementos para cultivar uma vida individual meditativa do professor, para se obter forças internas anímicas para se alcançar as crianças em seu pleno desenvolvimento, físico, anímico e espiritual. Elementos que, sobretudo, elevam à consciência tal cultivo como fundamental para a obtenção do verdadeiro ato de educar.

O desenvolvimento da vida meditativa para a educação

No estudo antroposófico sobre a meditação se considera fundamental um correto desenvolvimento do pensar, de maneira que se desenvolva o sentimento adequado para que nasça, então, o verdadeiro conhecimento intuitivo. Há inúmeras maneiras de fazer a meditação antroposófica; pode ser a partir de um verso, uma frase, uma imagem, como também sobre uma criança, um paciente, uma situação etc. Não importa tanto o conteúdo, mas sobretudo a atividade interior que se pratica quando se medita.

No que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento, segundo Steiner (2013), é necessário, primeiramente, ter a consciência para a devida sensibilidade sobre a existência das coisas; deve-se refletir sobre os pensamentos que formaram tudo o que existe. Se podemos conhecer as coisas em pensamento, é porque estas mesmas coisas também foram formadas a partir de pensamentos. “É somente por isso que podemos extrair os pensamentos das coisas” (Steiner, 2013, p. 17). Esta é a primeira reflexão que deve brotar na consciência quando se quer obter um relacionamento consciente com o pensamento sobre as coisas.

A partir deste princípio aprende-se a considerar os objetos e seres segundo os pensamentos que os determinaram; isto é importante porque evidentemente mostra uma sequência coerente de manifestação, e compreender este princípio nos leva a uma condição objetiva do observar e pensar sobre as coisas, por um lado, e a uma independência do pensamento próprio, por outro, porque percebe-se que “sou eu” quem penso e comprehendo aquilo que se me mostra. O essencial é, diz Steiner (2013, p. 26), “libertar-se mentalmente do automatismo que caracteriza a vida cotidiana”.

Segundo o pensamento de que nas coisas e seres jaz um pensamento que os formou, tudo o que existe, existe por uma necessidade de existir. Desse modo, o conhecimento diz respeito a revelarmos essa necessidade, pois somente os seres humanos possuem a capacidade de revelar as coisas exteriores conscientes de si mesmo. No entanto, este alcance não é de imediato, de modo que precisamos de um período de intenso trabalho interior. E se assim procedermos, veremos que aquilo pelo qual estamos nos atentando se revelará como conhecimento, a partir de sua própria

essência, pois de acordo com Steiner “[...] chega o momento em que se revela na pessoa a faculdade de achar o alvitre necessário e oportuno nas ocasiões decisivas. O pensamento assim cultivado torna-se elástico e flexível, o que é de enorme importância na vida prática” (Steiner, 2013, p. 27).

Quando olhamos para a educação e a prática pedagógica dos professores, tais conhecimentos tornam-se imprescindíveis, pois ser pedagogo é fundamentalmente pensar sobre conteúdos, imagens, pessoas e situações. Desse modo, praticar um momento de meditação eleva o trabalho do professor. A vida meditativa antroposófica se baseia em ideias bem objetivas sobre o modo de conduzi-la; deixe-se bem claro que não se trata de apartar-se da realidade e se deixar consumir por algum conteúdo. A prática meditativa antroposófica é, em realidade, muito móvel e viva.

A partir da compreensão do princípio do pensamento, exposto acima, a vida meditativa inicia-se com a consciência sobre a disposição interna que deve vigorar na alma. Deve-se desenvolver o sentimento de veneração, uma certa devoção, perante a verdade e o conhecimento. Utilizar estes termos atualmente é um tanto complicado pelo fato de a cultura usurpar seus verdadeiros conceitos, inserindo ideias de dogmas, ideologias e sectarismos no lugar, enquanto que o verdadeiro sentimento de veneração e devoção evoca a ideia de respeito e reverência perante a verdade. Esse sentimento acompanha nosso desenvolvimento, e as crianças são as melhores que o revelam. Podemos observá-las como brincam com uma atitude de devoção, principalmente as menores, de três a quatro anos; e como as maiores possuem uma atitude de reverência e veneração perante os adultos, como alguns professores tornam-se os heróis para seus alunos. “A veneração infantil diante do homem tornar-se-á mais tarde veneração diante da *verdade* e do *conhecimento*” (Steiner, 2010, p. 17, grifo autor).

Em uma época tão intelectualizada como a que estamos vivendo a dúvida e a crítica são as nossas maiores companheiras. No pensamento reina a dúvida e o julgamento sobre todos os eventos, e a verdade já não é uma busca. E deste modo não conseguimos cultivar os sentimentos adequados para o encontro com o mundo, com o outro, com a vida. Portanto, desenvolver o sentimento de veneração perante a verdade é o caminho para o início da prática da vida, em especial no âmbito profissional pedagógico. Pode-se, inicialmente, relacionar-se com uma teoria ou pensamento verdadeiro. E por meio de uma atividade de bastante atenção em nosso próprio íntimo, encontraremos caminhos para discernir o que é verdadeiro do que é falso. É um chamado do Eu. A verdade diz respeito a compreensão do nosso lugar no mundo, e o avanço da humanidade depende dessa consciência para as suas ações. “Se não desenvolvemos em nós o profundo sentimento de que existe algo superior ao que somos, não acharemos forças para atingir um grau mais elevado” (Steiner, 2010, p. 17). Com efeito, nas palavras de Steiner (2010, p. 18-19) “convém frisar não tratar-se, na cognição superior, de veneração a pessoas, mas sim daquela veneração diante da *verdade* e da *cognição*”.

Como esta vida meditativa trata-se de algo vivo e em movimento, esta disposição devocional se intensifica nas vivências cotidianas. No que diz respeito à vida do educador, significa procurar nas vivências o que se pode considerar o respeito e a admiração que condiz com a devoção à verdade. É

muito comum logo um julgamento roubar todo esse esforço, um julgamento sobre um pai ou mãe, um colega, o sistema etc.; no entanto, permanecer na tentativa do cultivo dos devidos sentimentos é que fortalece a atitude devocional e a consciência da veneração à verdade.

A prática desta difícil tarefa leva para uma vida rica em sentimentos, pois, segundo a Antroposofia (Steiner, *passim*), assim como nosso corpo físico necessita de alimentos saudáveis para se manter sadio, a alma humana necessita de sentimentos para sobreviver, e para manter-se saudável é necessário sentimentos saudáveis, tais como a devoção e veneração. E, sobretudo, a alma é imprescindível na aquisição de conhecimento, como já é observado na Pedagogia Waldorf (Steiner, 2015). Então, “a veneração, respeito e devoção são substâncias nutritivas que a tornam *sadia* e vigorosa – sobretudo vigorosa para a atividade do conhecimento” (Steiner, 2010, p. 21, grifo autor). Quanto ao cultivo da devoção e veneração na prática educacional, tornar a alma saudável é enriquecê-la e concentrá-la ao que somente é digno de tais sentimentos. “Neste sentimento fundamental toda a sua vida anímica encontra o ponto central” (Steiner, 2010, p. 20, grifo autor). E esse ponto central é o Eu.

A partir de então, seremos nós quem direcionamos nossa vida, principalmente os sentimentos que queremos desenvolver e cultivar na alma, para a realização da vida prática. “Devemos ter aprendido a lidar com os próprios sentimentos e representações mentais se quisermos estabelecer uma relação substancial com o mundo exterior” (Steiner, 2010, p. 21). Nesse momento ressalta-se que não se trata de negar-se os sentimentos obscuros e por vezes imorais que surgem na alma durante os percursos da vida. Estamos a caminho do desenvolvimento da humanidade, e reconhecer-nos como caminhantes é fundamental. Por esse motivo temos a meditação, para nos ajudar a olharmos para nossas fraquezas. Devemos, em verdade, nos abrir ao mundo; este nos revela as nossas falhas e acertos. Deveremos procurar o mundo com abertura e prazer, sem julgamentos castradores, mas com plena atenção e consciência interior. “Não se aprende a fim de acumular o aprendido como seu tesouro de sabedoria, mas sim para colocar o aprendido a serviço do mundo” (Steiner, 2010, p. 22).

Para obtermos êxito ao levar ao mundo nossos aprendizados, deveremos, primeiramente, exercitar uma atividade meditativa que, na visão antroposófica denomina-se calma interior. Este exercício consiste em desenvolver a capacidade de discernir entre o essencial e o transitório nas situações cotidianas da vida. Segundo Steiner (2010), a calma interior é desenvolvida segundo a observação de algumas práticas objetivas e a sua realização disciplinada. A primeira diz respeito à atenção aos sentimentos de devoção e veneração perante a verdade e conhecimento na vida cotidiana. A segunda é: “Reserva-te momentos de calma interior e aprende, em tais momentos, a *discernir o essencial do não-essencial*” (Steiner, 2010, p. 24, grifo autor). Esta é uma regra para a obtenção do referido êxito; no entanto, atente-se bem, mais uma vez, que esta prática consiste em estar, algum momento do dia, por um período estabelecido por si próprio, dedicado em pensamentos a alguma situação e tentar compreendê-la de modo a identificar o que é o essencial em tal vivência e o que foi

‘acessório’, transitório. Identificar o que passou e o que continua, como essência da situação. Passado esse momento, retornar aos afazeres rotineiros. Estes momentos de recolhimento permitirão que se adquira consciência no pensamento e força no sentimento para a atuação cotidiana, pois desse exercício disciplinado nasce sempre uma nova forma de ver as coisas. Para sermos mais objetivos na prática da calma interior, Steiner (2010, p. 25) descreve:

Nesse espaço de tempo, a pessoa terá de desprender-se completamente de sua vida cotidiana. Sua vida dos pensamentos, dos sentimentos deverá então receber matizes diferentes dos costumeiros. Ela deverá fazer com que suas alegrias, seus sofrimentos, suas preocupações, suas experiências, seus atos sejam passados em revista por sua alma. E deverá tomar, então, uma posição tal que tudo o que geralmente vivencia seja encarado de um ponto de vista superior. [...] O que devemos aspirar nos momentos de recolhimento é, pois, contemplar e julgar nossas próprias vivências e ações como se essas não houvessem sido vivenciadas ou feitas por nós próprios, mas por outra pessoa.

Não se trata de imaginar outra pessoa no nosso lugar, mas, sobretudo, nos vermos na situação, contemplando tudo quanto for possível, detalhadamente, o que fizemos, como fizemos, onde, com quem etc., mas não imbuídos dos sentimentos e sensações, mas “olhando de fora” como tudo aconteceu. E deste olhar, julgar o que de fato aconteceu; e a partir deste julgamento, compreender o que é o essencial desta vivência. O restante será transitório. “Com a *calma interior* do juiz, terá de defrontar-se consigo próprio” (Steiner, 2010, p. 25, grifo autor). Este exercício é tanto mais eficaz quanto mais foi elaborado pela consciência; talvez seja melhor iniciar por fatos que já aconteceram há mais tempo no passado ou pertencem àquelas vivências mais corriqueiras do cotidiano, pois uma vivência recente e/ou muito intensa está mais fortemente imbuída de sentimentos, o que dificulta o desprendimento da visão meditativa da calma interior. “Enquanto a pessoa está entreteceda nelas [nas vivências], enquanto está dentro delas, está em relação tanto com o essencial quanto com o acessório” (Steiner, 2010, p. 25).

Como resultado desta única prática é o fortalecimento da alma, ou seja, da vida dos sentimentos e emoções, a pessoa reconhece-se em suas ações e é capaz de observar a vida cotidiana com mais clareza, no que diz respeito às relações e suas circunstâncias. Os pensamentos serão guiados a partir de si próprios, definidos conforme a fonte interior de cada um, ou seja, o Eu. Este exercício permite tomar consciência de todos os sentimentos envolvidos nas situações contempladas, o que permite desenvolver a vontade de se obter sentimentos específicos, tais como a coragem, o entusiasmo, transformando aqueles aos quais enfraquecem a vida da alma. O indivíduo “começa a conduzir seu barco de vida num rumo seguro e firme em meio às ondas da vida, ao passo que antes era jogado por essas ondas de um lado para o outro” (Steiner, 2010, p. 27). Está firme e seguro porque está ancorado no próprio Eu.

A prática da calma interior é fundamental como vida meditativa, porque somente cada um pode abrir espaço em si mesmo para que o novo nasça, um conhecimento, uma habilidade, um sentimento, uma espiritualidade.

Ao homem interior, nenhuma força exterior pode abrir espaço. Isto somente a *calma interior* é capaz de fazer, calma essa que ele cria para sua alma. Circunstâncias exteriores *somente* podem mudar sua situação exterior, sendo que jamais serão capazes de despertar o “homem espiritual” dentro dele (Steiner, 2010, p. 28).

Pois em verdade, esse desenvolvimento nada mais é do que desenvolvimento espiritual. O espiritual para a Antroposofia não é algo abstrato, em algum lugar no cosmo, afastado da realidade física. Trata-se, com efeito, de tudo o que nos constitui, nós e o cosmo, interior e exteriormente (Steiner, *passim*). Nesse sentido, ao obtermos uma prática disciplinada desses momentos de calma interior, estamos nos aproximando da nossa esfera espiritual, esta que se encontra por detrás de todo o pensamento; e tudo o que existe, conforme vimos acima, existe porque foi pensado.

E um novo mundo se abre ao indivíduo; novo mundo porque se observa novas manifestações ocorrendo nos eventos e situações, que antes se passavam como que ocultamente à consciência. É uma vivência que transcende o pessoal, reconhecendo o mundo dos pensamentos por detrás das relações. E o mundo dos pensamentos é o mundo espiritual. Então se inserindo neste conhecimento sobre os pensamentos das coisas, nesse relacionamento com a vida dos pensamentos, só pode surgir na alma o sentimento de amor, pois conhece-se o fundamento dos fatos. Aprende a amar o que o espírito, como pensamento, lhe revela na alma. O ser humano desperta para algo que vive dentro de si próprio. “Ele experimenta o fato de expressar-se *vida* nesse mundo de pensamentos. Reconhece que nos pensamentos não apenas vivem meras imagens sombrias [...]. Algo começa, a partir do silêncio, a falar-lhe” (Steiner, 2010, p. 29, grifo autor). No entanto, é algo definido seja nos pensamentos, como nos sentimentos. Se ainda não for capaz de definir coerentemente os pensamentos e sentimentos que nascem na alma como uma nova forma de enxergar o mundo, é porque ainda falta essa “capacidade”, no sentido de que ainda não foi identificado o essencial diante das situações. É uma prática, embora eficaz, muito difícil, que exige basicamente disciplina. Encontrar o verdadeiro não é uma tarefa fácil, sobretudo nos dias atuais, na época da Mentira. Por esse motivo, mais acima mencionamos o relacionamento com teorias verdadeiras. Para auxílio, podem “permear-se com os pensamentos elevados que pessoas mais avançadas, já compenetradas pelo espírito, pensaram em tais momentos” (Steiner, 2010, p. 30).

Este pode ser um caminho meditativo para a prática individual quando se quer elevar a compreensão do mundo e suas revelações. O exercício da calma interior não condiz com uma vida apartada da realidade, e, justamente por isso, nos dão forças para o relacionamento consciente e vivo com o mundo. Cultivar um momento de juiz interior, com calma na alma, promove uma ampliação sobre o verdadeiro que existe nos eventos da vida. Que tudo possui um sentido existencial. E não se descobre isso subjetivamente, pelo contrário, observa-se objetivamente nas ocorrências do mundo, porque desenvolve-se um correto pensar e um adequado sentir sobre a vida exterior. Percebe-se o elemento espiritual surgindo e ressurgindo diante das situações, manifestado na forma e conteúdos

da matéria, seja um objeto, um fato, um gesto. Nas palavras de Steiner (2010, p. 31), “quem se eleva, pela meditação, àquilo que une o ser humano ao espírito começa a vivificar em si o que nele é eterno, o que não é delimitado pelo nascimento e pela morte”. Esta pode ser uma prática de grande auxílio, como reveladora na condição de educar um outro ser a nossa frente. Observar para tal vida meditativa implica numa nova forma de educar, resultando em um ensino criativo.

O ensino criativo

Para compreendermos o que significa o ensino criativo, é necessário identificarmos o modo pelo qual se desenvolve a vida interior infantil, que continua a atuar por toda a vida. Não se trata de pensar e acreditar estar criando atividades e propostas diferentes das corriqueiras e formular novas formas de apresentação de conteúdo. Para a perspectiva antroposófica, no que tange ao ensino criativo, é fundamental compreender as forças anímicas que regem o desenvolvimento humano, que se iniciam na infância.

O primeiro conhecimento que, enquanto educadores, devemos ter é de como a criança se desenvolve. No primeiro setênio, ao observarmo-las veremos que em suas atitudes e brincadeiras elas se comportam de maneira sempre a imitar. São essas imitações que vão definir o caráter de suas ações neste período, de modo a configurar toda a estrutura do seu corpo. Este conhecimento é importante, pois a imitação significa uma atitude sem consciência própria, de modo que a atividade anímica que se realiza não é consciente na criança. “[...] é uma atividade da alma, embora emane do corpo físico; trata-se da mesma atividade que mais tarde atua na alma como intelecto ou memória [...]” (Steiner, 2016, p. 26).

Por volta do início do segundo setênio essas forças anímicas atuantes no corpo físico da criança, manifestas na imitação, vão se emancipando, se tornando conscientes, de modo que as ações passarão da imitação para a intencionalidade. E podemos ver como processo emancipatório desta vida da alma do corpo físico a troca dos dentes. As forças da imitação, provindas da cabeça da criança são rechaçadas pela parte inferior, os membros, e este conflito que as desprende é manifesto na queda dos dentes. Durante a imitação, toda atuação anímica-espiritual necessita exclusivamente das forças físicas-corpóreas, de modo que todos os processos físicos são anímicos e espirituais, simultaneamente. Neste período, “toda a atuação relativa à configuração plástica do seu corpo é conduzida da cabeça.” (Steiner, 2019, p. 152). Com as trocas dos dentes, esta dinâmica se altera, pois toda atividade anímica que, por assim dizer, desce às regiões inferiores do corpo, ou seja, os membros, não modelam mais plasticamente o corpo, mas atuam de forma rítmica sobre o corpo, devido a emancipação da função plástica para a função rítmica. E esta não é mais física, mas anímica.

Encontramo-nos, então, em um conhecimento que nos incita atuar com estas forças imitativas anímicas-espirituais que se emanciparam, pois agora não estão mais emaranhadas nas ações pelo corpo físico da criança. Compreendendo que são atividades anímicas que se emanciparam do limite

físico, é necessário retê-las com a criança, mas a partir do modo como passam a atuar agora. E como passam a atuar agora de maneira a desenvolver a memória e intelecto, essas atividades anímicas são manifestas no desenho, pintura e escrita. São forças anímicas da criança que querem continuar atuando, mas não podendo-o mais dentro do corpo, necessitam ser transformadas; e se, enquanto educadores, não proporcionarmos o desenvolvimento do desenho, pintura e escrita, as deixaremos ir, e o que em verdade deixaremos ir são forças espirituais que a criança trouxe ao nascer. Se estas forças não forem retidas, teremos crianças sem a disposição para criar.

Para que o ensino seja criativo e se desenvolva a correta relação de veneração e amor entre educador e crianças é necessário a conscientização do professor de que o que este lida neste primeiro período infantil são com forças espirituais individualizadas em cada criança, que “no fundo, as forças que colhemos da criança ao redor dos seis anos, para empregá-las no aprendizado do desenho e da escrita, é o mundo espiritual que as envia” (Steiner, 2016, p. 27). Essa conscientização é como um abrir de olhos, uma chave para o sentido e fundamento da educação; somente a partir de certas conscientizações é que se promove o verdadeiro ensino e educação.

Se os senhores tiverem o sentimento de estarem em relação com as forças emanadas dos mundos espirituais na época anterior ao nascimento, **se tiverem esse sentimento que produz uma profunda veneração**, verão que pela presença desse sentimento serão capazes de atuar mais do que por meio de qualquer excogitação intelectual a respeito do que fazer (Steiner, 2016, p. 28, grifo nosso).

Então veremos que o processo de desenvolvimento da criança é permeado por irradiações do mundo interior, no primeiro setênio, e exterior, no segundo setênio, ambas recebidas de forma inconsciente. São irradiações provindas da cultura familiar, social, econômica, religiosa etc. que vão ficando retidas no interior da alma enquanto a criança se desenvolve durante os dois primeiros setênios. Trata-se, na realidade, de forças plasmadoras, que também vão estruturando e dando forma à criança. São as forças etéricas. Segundo Steiner (2004), estas dizem respeito à força geratriz de vida, em todas as suas manifestações e modificações, e para expressar essa forma manifesta em todo ser vivo denomina-se de corpo etérico. A força plasmadora, ou etérica, não é visível aos sentidos físicos. Não observamos suas forças como observamos um objeto feito de madeira, mas tão somente conseguimos observar as formas aos quais estas forças de vida, crescimento, desenvolvimento etc. imprimiram na manifestação do ser vivo fisicamente (Steiner, 2004).

No terceiro setênio, quando a criança está entrando na puberdade, vai-se acordando lentamente a consciência para dentro do seu próprio organismo, de modo que tudo quanto foi vivido que se encontra decantado no fundo da alma vai sendo iluminado pela consciência, ainda turva. Deste modo, neste período, as forças do mundo exterior que necessitam vir ao encontro da alma do adolescente, para a continuação de sua plasmação, são as forças da fala e da música. E estas forças só podem ser recebidas do mundo físico.

As forças de natureza musical são recebidas do mundo exterior, do mundo extra-humano, da observação da natureza, da observação dos processos que se realizam na natureza e, principalmente, da observação de suas regularidades e irregularidades. Tudo o que ocorre na natureza é perpassado por uma música misteriosa: a projeção terrestre da música das esferas (Steiner, 2016, p. 29).

E o ser humano se encontra alinhado com a música das esferas, por meio da formação de seu corpo e seus ritmos. Nesse sentido, o seu desenvolvimento anímico ocorre por meio de forças dinâmicas, forças plásticas, que se originam do interior, através da cabeça, as quais são expressas pelo desenho, pintura e escrita; e forças sonoras, que se originam no meio exterior, e, agindo no caráter espiritual, engendra-o, lentamente, no adolescente, neste terceiro setênio. A fala humana é a expressão mais pura das forças da música das esferas que encontraram o elemento espiritual no interior do ser humano, na qual o seu elemento musical pode ser expresso através do órgão da laringe. Vemos como a expressão de João na bíblia “No princípio era o verbo” (Jo: 1-1), ou no mito guarani, que Nhanderuvuçu era um vento luminoso (Werá, 2025), relatam, em imagem, uma sabedoria ancestral, manifesta na mitologia de diversos povos. “Disso se vê que também a fala humana, principalmente o elemento musical, contribui para a formação do homem; de início ele plasma o homem, e em seguida se detém, concentrando-se perto da laringe [...]” (Steiner, 2016, p. 31).

Diante deste conhecimento, o educador deve ter em mente que tudo quanto atua com as crianças de primeiro e segundo setênio, atuando sobretudo com as forças da imitação que se emancipam para tornarem-se forças do desenho, pintura e escrita, ou seja, forças plasmadoras, são recebidas espiritualmente, como forças que a criança as traz consigo ao nascer. Por outro lado, no terceiro setênio, com o relacionamento com o elemento da fala e da música, o adolescente recebe novas forças vindas do exterior, atuando interiormente ao encontro de tudo o que foi vivenciado em sua alma. Neste sentido, deve-se ter a consciência que toda a sua atuação, como educador, em verdade está os preparando para o futuro; são forças plasmadoras que necessitam ser buscadas lá fora, diferentemente dos setênios anteriores, para o desenvolvimento espiritual dos alunos. E o sentimento que deve surgir, a partir de uma consciência responsiva, é de entusiasmo de estar preparando o futuro da humanidade, empregando as próprias forças para fazê-lo. No emprego das próprias forças, o professor fecunda um germe linguístico-musical nos adolescentes, na qual germinará e brotará como sua própria “Fala”. “Veneração e entusiasmo – eis as forças básicas ocultas que devem espiritualizar a alma do professor” (Steiner, 2016, p. 33).

E a criatividade no ensino se encontra justamente nestes sentimentos provindos do professor. A criatividade só será efetiva quando o conhecimento do que verdadeiramente rege o desenvolvimento do ser humano torna-se a base da educação. Conhecer, sobretudo, o que pode ocorrer quando não proporcionadas as vivências anímicas espirituais aos quais as crianças e adolescentes necessitam ter. Se não apresentarmos os elementos musicais da vida para as crianças

em formação, principalmente no terceiro setênio – e quando falamos de uma vida musical trata-se muito mais do que ensinar música ou algum instrumento, pois o elemento musical está em todas as formas do mundo e da vida, na natureza, no animal e no ser humano – , quando eles não podem vivenciar diretamente esse elemento do mundo, ficarão a mercê das forças interiores, se aterão somente aos processos interiores do corpo físico, ou seja, os instintos. “Se não tivéssemos a música, forças terríveis viriam à tona no homem” (Steiner, 2016, p. 35). Portanto, tendo o conhecimento da importância de tais vivências, a atuação responsiva-venerada-entusiasmada do professor terá como consequência o desenvolvimento de uma consciência saudável dos alunos.

Ela [a consciência] se desenrola ao vir à tona o resultado do que se passa entre o homem e o elemento plástico-arquitetônico, de um lado, e entre o homem e o linguístico-musical, de outro, no momento em que este último, depois de penetrar no corpo etérico, alcança o corpo astral, sendo assim desviado para a periferia (Steiner, 2016, p. 37).

E o próximo sentimento que deve vicejar no bojo do professor, a partir da observação destas leis anímicas espirituais do desenvolvimento humano, é o de cuidado perante esses seres que lhe foi confiado para a educação e ensino. Devemos ter a consciência de quão exposta nasce a criança ao mundo físico; de quanto ela necessita de proteção para ir ao encontro do mundo, e neste aprender a conhecer e vivenciá-lo de uma maneira que se possa dominar a si próprio, se encontrar a partir de um âmbito que se encerra entre o mundo exterior e o mundo interior, fazendo, deste encontro, a gestação do nascimento da consciência, plena, nítida e livre, sabendo pensar, julgar e agir no mundo. “Veneração, entusiasmo e sentimento protetor – eis as três atitudes que constituem a panaceia, o remédio universal na alma do educador e do professor” (Steiner, 2016, p. 39). Eis o ensino criativo! Numa expressão artisticamente produzida, podemos definir, nas palavras de Steiner (2016, p. 39), “Veneração pelo que precede a existência da criança. Indicação entusiástica do que se segue à criança. Gesto protetor em relação ao que a criança vivencia.”

Pois deste modo teremos conhecimento que tudo o que perpassa a criança, formando e plasmindo-a, percorre um caminho onde atuam as forças da imitação, para depois engendrar a compreensão e finalmente alcançar a consciência. E podemos ver como a atividade da alma infantil manifesta-se no corpo físico, nas atividades neurosensoriais, sentimentos e atividade metabólica, por meio do perceber, sentir e fazer. E tomamos consciência de que este caminho somente é permeado de maneira saudável quando se atua com o sentimento, sobretudo do professor. “No fundo, nós precisamos sentir a verdade de algo compreendido caso queiramos professá-lo. Então o resultado do conhecimento compreensivo e o elemento anímico do sentir se reúnem dentro de nós justamente por meio do sistema rítmico” (Steiner, 2016, p. 43). E então teremos a coragem para atuar e sempre renovar, compreendendo que toda a atitude como professor é na verdade uma atitude como ser humano, em primeiro lugar; e essa atitude a criança a receberá. Ou seja, continuará reverberando

em sua alma tudo o quanto for recebido no ensino. Como professor você deve se perguntar: “O que você está fazendo está entrando na criança, está atuando nela ou está se dispersando no ar, simplesmente passando por ela como se ela não estivesse assimilando nada?” (Steiner, 2014, p. 51).

Isto é importante, porque se trata de uma atitude altruísta, para que a criatividade brote do interior da vida anímica do professor. É necessário a compreensão de que o que se leva para o ensino a criança, ao receber, assimila ou rejeita, muitas vezes de forma inconsciente. Entretanto, desenvolvendo o olhar correto e os sentimentos necessários para o processo de educação como um todo, o professor desenvolve a sensibilidade para observar as respostas do sentir das crianças, em seus rostos e gestos, compreendendo que estes rostos e gestos são, com efeito, o reflexo da própria atividade anímica empregada no momento. “Portanto, trata-se essencialmente de um elemento intuitivo que precisa ser desenvolvido no relacionamento do professor e educador com a criança” (Steiner, 2014, p. 52). São nesses conhecimentos que reside o germe para o ensino criativo; é a partir de uma consciência que deve nascer e vicejar no interior do professor dos processos anímicos e espirituais que nascem e vicejam no interior das crianças. Também nascemos e fomos crianças, portanto, trouxemos as forças espirituais necessárias para o emprego do ensino criativo. Nisto reside o fato, e não nos conteúdos a serem apresentados às crianças, porque os conteúdos podem ser apresentados de inúmeras maneiras, enquanto as leis espirituais que regem o desenvolvimento humano não mudam. E a arte é a maneira pelo qual os conteúdos, contidos na vida da alma, são expressos pelo elemento do sentir. A arte é a chave para o desenvolvimento do ensino criativo do professor. Nas palavras de Steiner (2014, p. 57-8)

É necessário não deixarmos, de modo algum, que o elemento artístico de nossa cultura continue sendo visto como um artigo de luxo ao lado da vida séria, como uma distração supérflua à qual nos voltamos, mesmo que saibamos levar uma vida espiritual; temos de considerar que o elemento artístico permeia tudo, permeia o mundo e o ser humano como uma lei divino-espiritual.

Com o conhecimento necessário, sobretudo das forças plasmadoras plásticas/formadoras e musical/poéticas que permeiam as crianças e adolescentes, estaremos imbuídos também do elemento artístico para atuar não como professores, mas como artistas; não como uma profissão intelectual, mas como uma arte de educar. E para se tornar artista da educação, a vida meditativa faz-se necessária, pois ativa a percepção para processos cósmicos, para o elemento musical no mundo e no ser humano, desenvolve um sentimento correto perante as forças regulares e irregulares que acompanham o desenvolvimento da vida, enfim, comprehende-se o papel fundamental do professor-artista no processo de desenvolvimento da humanidade.

Considerações finais para se meditar...

No desenvolvimento deste artigo procuramos apresentar de uma maneira breve dois caminhos possíveis para o alcance do verdadeiro processo de educar, segundo Rudolf Steiner. Para se manter um processo educador é necessário um relacionamento entre quem educa e quem é educado; para esse processo ser saudável e promover desenvolvimento, são necessárias certas conscientizações.

Primeiramente, propõe-se o desenvolvimento de uma vida meditativa antroposófica para o professor. Pois para desenvolver uma prática pedagógica, mesmo quando se recorre a teorias, a grande questão é recorrer ao que é humano no próprio professor. Nesse sentido, tomar consciência para o que vive no professor enquanto ser individual é o elemento fundamental para promover um contato criativo com o mundo. Reconhecer os sentimentos, pensamentos e atitudes internas como um ponto de partida para desenvolver determinados sentimentos, os quais são substanciais para o mundo, é o que vai definir uma prática educadora transformadora.

Tornando este aspecto do educador consciente, passamos para a vida interior do desenvolvimento infantil. Abordamos o desenvolvimento das forças ocultas aos sentidos físicos, ou seja, as forças etéricas e anímicas-espirituais, que regem a criança, nos seus três primeiros setênios, e como elas se manifestam em seu corpo físico, gestos e sentimentos. Desta forma encontramos elementos com os quais podemos ser criativos, abordando o ensino como uma arte de educar. Vemos como é que desabrocha na alma da criança forças espirituais; como estas se transformam e necessitam do mundo exterior para tornarem-se conscientes. E o papel do professor é fundamental neste processo, pois a qualidade de suas vivências dependerá de certos sentimentos desenvolvidos no professor, a saber, a veneração, o entusiasmo e o cuidado. Deste ponto de vista fica claro como a vida meditativa é visceral no ato de educar.

Somente a vida meditativa pode desenvolver os sentimentos de veneração perante um ser; entusiasmo perante situações; e cuidado perante a vida. E somente cultivar uma vida em meditação é que se consegue acessar e compreender a verdade oculta engendrada no mundo e nos seres, sobretudo, na criança que nos foi confiada a educar. Compreende-se quem verdadeiramente nos confiou essa tarefa tão sublime para a humanidade.

Encerramos nossa proposta esclarecendo que o conteúdo antroposófico sobre meditação e educação criativa é muito mais abrangente do que descrito nestas páginas. Aqui tratou-se apenas de fomentar para a reflexão da importância de se tornar consciente para certos conteúdos necessários para o avanço da educação, sobretudo educação humanizada. É apenas um início, para meditar.

Referências

- STEINER, R. **Teosofia**. Introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano. Tradução Daniel Brilhante de Brito, Jacira Cardoso. 7 ed. São Paulo: Antroposófica, 2004.
- STEINER, R. **O conhecimento dos mundos superiores**: a iniciação. Tradução Erika Reimann. 7º ed. São Paulo: Antroposófica, 2010.
- STEINER, R. **A educação prática do pensamento**: aprender a pensar com base na realidade. Tradução Octavio Inglez de Souza. 6º ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.
- STEINER, R. **A metodologia do ensino** e as condições da vida do educador. Tradução Christa Glass. 2º ed. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2014.
- STEINER, R. **O estudo geral do homem**: uma base para a pedagogia (A arte da educação I). Tradução Rudolf Lanz, Jacira Cardoso. 5º ed. São Paulo: Antroposófica, 2015.
- STEINER, R. **Antropologia meditativa**: contribuição à prática pedagógica. Tradução de Rudolf Lanz. 2º ed. São Paulo: Antroposófica, 2016.
- WERÁ, K. **A voz do trovão**. A criação do mundo segundo os guaranis. Movimento Pindorama. Disponível em: <https://pindorama.art.br/file/MitoGuarani-VerCompl.pdf> . Acessado em 28 de fevereiro de 2025.

Recebido em 28 de fevereiro de 2025

Aprovado em 02 de abril de 2025

Publicado em 10 de abril de 2025